



SEÇÃO: RESENHA

Indianismo à gaúcha: Y-Juca Pirama de José Bernardino dos Santos

Gaúcho Indianism: Y-Juca Pirama by José Bernardino dos Santos

Henrique Perin¹

orcid.org/0000-0001-8745-8310
perin82@hotmail.com

MOREIRA, Maria Eunice; NASCIMENTO, Fábio Varela. *O Y-Juca Pirama dos pampas: o drama de José Bernardino dos Santos*. Porto Alegre: Edipucrs, 2021. 80 p.

Recebido em: 29 out. 2021.

Aprovado em: 7 jul. 2022.

Publicado em: 17 nov. 2022.

A vida cultural em Porto Alegre tem em sua certidão de nascimento a data de 1794, quando a Casa de Comédia foi erigida pelos descendentes dos 60 casais açorianos que aportaram na então estância de Jerônimo de Ornellas, e se estabeleceram no local que viria a se constituir como a capital do Rio Grande do Sul. Desde a criação deste local de congregação social não religiosa, no crepúsculo do século XVIII, Porto Alegre caminhou a passos largos em sua ânsia de efervescer a literatura, a música, o teatro e as artes em geral (FERREIRA, 1956). Da acanhada Casa de Comédia nasceu a Casa de Ópera; ainda surgiu, durante o cerco à cidade por ocasião da Revolução Farroupilha, em 1838, o Teatro D. Pedro II; e, posteriormente, em 1858, foi finalmente concluído o Theatro São Pedro, um projeto iniciado em 1833 e que, em pleno século XXI, mantém-se como o mais antigo estabelecimento da cidade dedicado às artes (FRANCO, 1998).

Se a Porto Alegre oitocentista urgia por casas de espetáculos, assim o era devido às companhias teatrais – fossem elas do exterior ou da província –, e principalmente pela demanda do público. Athos Damasceno Ferreira (1956) aponta que a segunda metade do século XIX, mais precisamente após a inauguração do São Pedro, reservou algumas das temporadas mais movimentadas da centúria. Dentre os inúmeros fatores que podem ser elencados, a criação da Sociedade Partenon Literário, em junho de 1868, é, certamente, o grande contribuinte deste alvor teatral. Esta informação é corroborada por outros escritores do início do século XX², sendo notório o gosto dos aficionados pelas representações. Prova



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

² Aquiles Porto Alegre (1848-1926), cronista, jornalista e professor sul-rio-grandense, reiteradamente elucida a relevância das companhias teatrais e dos amadores que animavam o circuito cultural de Porto Alegre. Para mais informações, recomendo a leitura dos seguintes livros de Aquiles: *Jardim de saudades* (1921), *Paisagens mortas* (1922), *À sombra das árvores* (1923), e *História popular de Porto Alegre* (1994).

disso é o grande número de companhias teatrais e de atores amadores que inundaram a capital sulina, como indica Athos Damasceno (1956).

Insuflados por essa atmosfera oitocentista porto-alegrense, Maria Eunice Moreira e Fábio Varela Nascimento apresentam a obra *O Y-Juca Pirama dos Pampas* (2021), na qual resgatam e atualizam a peça criada por José Bernardino dos Santos (1848-1892), funcionário público, escritor, jornalista, teatrólogo e poeta, publicada pela Tipografia Rio-Grandense de Porto Alegre, em 1869, inspirada na obra homônima de Gonçalves Dias (1851) e oferecida em dedicatória à atriz francesa Antonina Marquelou, deidade dos palcos da capital gaúcha na segunda metade do século XIX. Dividida em duas partes, a obra recupera, em seu primeiro momento, o papel do Partenon Literário no luzir da cultura letrada sul-rio-grandense, assim como a concepção do drama indianista de José Bernardino dos Santos. A última parte do livro, destinada à peça *Quadros da vida selvagem – Y-Juca Pirama, poesia de A. Gonçalves Dias, vertido em drama especialmente escrito para ser oferecido à distinta atriz dramática Antonina Marquelou*, ainda conta com entusiasmada nota de adoração e estima à artista francesa, assinada pelo autor.

Maria Eunice Moreira e Fábio Nascimento conduzem o leitor através das impressões e dos trabalhos do Partenon Literário, elucidando os encontros, saraus, eventos e reuniões de ordem política e cultural empreendidos por seus membros. Com a intenção de organizar e orientar a vida literária sul-rio-grandense, o consórcio literário criou uma biblioteca com mais de 6 mil obras que versavam sobre filosofia, história, literatura e os mais diversos saberes, um museu de ciências naturais e um sistema de aulas noturnas ministradas por seus membros. A revista da agremiação, cujo nome sofreu sutis modificações durante sua existência e teve uma publicação inconstante, perdurando por aproximadamente uma década, pretendia, nas palavras de Apolinário Porto Alegre, membro fundador da agremiação, ser "um veículo poderoso [que] irá ao longe levar os frutos de seus talentos e reputações" (REVISTA

MENSAL DO PARTENON LITERÁRIO, 1869a, p. 4). Os autores incutem a relevância da agremiação nas diversas esferas que orbitavam a sociedade gaúcha, que se percebia inserida nos mais diversos assuntos: desde a abolição da escravidão e as conjecturas políticas republicanas, até as discussões acerca dos movimentos literários brasileiros e regionais, que ajudaram a definir o caráter identitário do gaúcho sul-rio-grandense e a ideologia da democracia campesina, definidora e lumiar dos valores telúricos da neófito literatura sulina.

A programação teatral sulina experimentou sua dilatação com a já citada inauguração do Theatro São Pedro (FERREIRA, 1956), e um dos artífices desse crescimento foi a Companhia Dramática, empresada por José de Almeida Cabral Filho, e que tinha como grande estrela, como a diva de Porto Alegre, Antonina Marquelou. Como não poderiam se furtar da discussão, Maria Eunice Moreira e Fábio Nascimento (2021) discutem a razão de José Bernardino dos Santos, autor de *Quadros da vida selvagem – Y-Juca Pirama*, ter tomado a obra de Gonçalves Dias como referência e inspiração para homenagear a atriz, do mesmo modo como os motivos pelos quais o poeta indianista maior fora elegido para orientar o drama partenonista. A hipótese inicial fora um "aceno" à Companhia Dramática, visto que uma querela entre o Partenon Literário e José de Almeida Cabral Filho postergou um evento destinado à alforria de jovens escravos no palco do São Pedro. Ou, como apontou Caldre e Fião, médico e um dos idealizadores da agremiação cultural, "a festa santa da liberdade" (REVISTA MENSAL DO PARTENON LITERÁRIO, 1869b) precisou ser celebrada em 19, não em 07 de setembro, como planejado, e uma deferência à artista mais representativa da Companhia fizera-se necessária para selar um acordo de paz. Tal proposição não é de toda refutada, entretanto, os autores indicam que duas intenções estão explícitas na dedicatória do autor de *Quadros da vida selvagem...*, o que inviabiliza, ao menos inicialmente, a suposição aventada. Transcrevendo a homenagem de José Bernardino, entende-se que: a) "ungia-se também

um desejo meu [José Bernardino dos Santos]: e era de ser eu o primeiro que te oferecesse alguma coisa melhor que palmas, que mais valor que buquês e coroas de flores"; e que b) "maus versos vão de envolta ao sublime poemeto do imortal cantor das Americanas – intitulado Y-Juca Pirama. A. Gonçalves Dias é um nome e sabe-o o orbe inteiro, que não desaparece como as guirlandas que o laureiam; não!" (SANTOS, 1869, apud MOREIRA; NASCIMENTO, 2021, p. 38).

A peça dedicada à Antonina Marquelou, como indicam Maria Eunice Moreira e Fábio Nascimento (2001), não pode ser considerada apenas uma oferta de paz entre o Partenon Literário e José de Almeida Cabral Filho. José Bernardino já tinha a intenção de homenagear a diva do palco do São Pedro, que em outras ocasiões recebera indulgentes regalos de seus admiradores (FERREIRA, 1956), pois também é preciso compreender que a instituição literária estava embebida por um Romantismo tardio em terras gaúchas. Encontrando guarida no seio do escol literário sulino quando em outras partes do país já arrefecia, a corrente literária romântica, assim como a poesia Indianista de Antônio Gonçalves Dias, eram exemplos bem-sucedidos e já estruturados no restante do Brasil, o que auxiliou a desenvolver ainda mais o estudo e o amor às letras em uma região notoriamente belicosa³ que demorou algumas décadas para assimilar as ideias românticas da literatura nacional. A poesia de Gonçalves Dias confere sentido e molda o sentimento coletivo de representação de nação, o que os partenonistas ansiavam para fortalecer a novata corrente literária romântica sul-rio-grandense.

Os autores demonstram como José Bernardino dos Santos, com seu *Quadros da vida selvagem – Y-Juca Pirama, poesia de A. Gonçalves Dias, vertido em drama especialmente escrito para ser oferecido à distinta atriz dramática Antonina Marquelou*, en-

controu ecos não somente no Romantismo, mas particularmente no Indianismo e, realizou mais do que apenas um exercício poético. Ele também o ofereceu como laboratório para orientar a produção literária sulina tutelada pela corrente romântica brasileira, principalmente, por meio de adaptações do filão Indianista. O indígena, no sul, cede seu protagonismo ao gaúcho, assim como as florestas indianistas são transfiguradas nas planuras da campanha, e a revolta farroupilha eleva-se como bastião da fundação de um *ethos* sulino. O indianismo da peça de José Bernardino se, em sua primeira aparição, encontra apenas tímida resposta entre os membros do Partenon, indubitavelmente reaparece, na obra de Maria Eunice Moreira e Fábio Nascimento, como uma obra cujo significado dilata seu espectro e demonstra que é possível fomentar uma literatura própria e particular no Rio Grande do Sul, cuja vertente mais representativa fora o regionalismo literário.

Referências

- FERREIRA, Athos Damasceno. *Palco salão e picadeiro em Porto Alegre no século XIX*. Porto Alegre: Editora Globo, 1956.
- FRANCO, Sérgio da Costa. *Guia histórico de Porto Alegre*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1998.
- MOREIRA, Maria Eunice; NASCIMENTO, Fábio Varela. *O Y-Juca Pirama dos pampas: o drama de José Bernardino dos Santos*. Porto Alegre: Edipucrs, 2021.
- REVISTA MENSAL DA SOCIEDADE PARTENON LITERÁRIO. Porto Alegre: Tipografia do Jornal do Comércio, v. 1, n. 1, mar. 1869a.
- REVISTA MENSAL DA SOCIEDADE PARTENON LITERÁRIO. Porto Alegre: Tipografia do Jornal do Comércio, v. 1, n. 7, set. 1869b.

Henrique Perin

Doutor em História das Sociedades Ibéricas e Americanas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil.

³ As constantes beligerâncias fronteiriças entre o Rio Grande do Sul e seus vizinhos (a Revolução Farroupilha, em território nacional, no período 1835-1845, assim como a Guerra do Paraguai entre 1864 e 1870, do mesmo modo como as constantes alterações territoriais perpetradas pelos diversos tratados entre as coroas espanhola e portuguesa ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII) ajudaram a determinar não somente a cultura regionalista voltada à exaltação do campo e da natureza, mas também retardaram a penetração das influências literárias de outras regiões brasileiras. Para a compreensão deste tema, sugiro a leitura de duas obras de Maria Eunice Moreira: *Nacionalismo literário e crítica romântica* (1991) e *Regionalismo e literatura no Rio Grande do Sul* (1982), além de *Uma história da literatura: periódicos, memória e sistemas literários no Rio Grande do Sul do século XIX* (2017), de Mauro Nicola Póvoas.

Endereço de correspondência

Henrique Perin

Rua General Lima e Silva, 1271, apto. 301

Cidade Baixa, 90050-103

Porto Alegre, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do autor antes da publicação.